

Os Jagunços de Canudos

José Calasans

da Universidade Federal da Bahia

A palavra *jagunço* ganhou grande popularidade na década final do século XIX, por ocasião da guerra de Canudos, conflito de caráter messiânico travado no interior do Estado da Bahia, Brasil. O termo já estava dicionarizado, porém ainda não se tornara conhecido em todo o País. Era, apenas, um regionalismo baiano, que Caldas Aulete registrara, na 1ª Edição do Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, em 1888, do seguinte modo: “*Jagunço* - s.m. (brasil.) valentão, guarda-costas de fazendeiro ou senhor de engenho, na Bahia”¹. O visconde de Beaupaire Rohan, pouco depois, comentando o texto de Caldas Aulete e acrescentando que a expressão equivalia a *capanga*, “valentão que se põe ao serviço de quem lhe paga, para ser guarda-costas; acompanhá-lo sempre armado em suas viagens; auxiliá-lo em obter satisfação de quem o ofendeu; e servir-lhe de agente nas campanhas eleitorais”, manda escrever *jagunso* e não *jagunço*², o que não teve aceitação. Na mesma época, Durval Vieira de Aguiar, conhecedor dos sertões baianos, abonava o sentido consignado nos dois dicionários, em *Descrições práticas da Província da Bahia*: “quem precisa de jagunços no rio São Francisco manda-os contratar neste grande viveiro (Rio das Éguas). O clavinote com a munição é o preço; mais arranjam facilmente conforme o valor da impunidade que a influência do patrão oferece”³. Era o que estava, aliás, também no livro *O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina*, de Teodoro Sampaio, geógrafo e historiador brasileiro que

¹ AULETE, F. J. Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Lisboa. Parceria Antonio Maria Pereira, s.d.

² ROHAN, Beaupaire. *Dicionário de Vocábulos Brasileiros*. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1889.

³ AGUIAR, Durval Vieira de *Descrições Práticas da Província da Bahia*. Bahia, Tipografia do Diário da Bahia. 188, p. 19.

percorrer os sertões baianos em 1879, onde se deparara com os jagunços de Neco⁴.

Temos, assim, pouco antes da campanha de Canudos (1896-1897), que iria dar imensa popularidade ao vocábulo, seu exato sentido. Paremos, então, para indagar da sua origem. Jacques Raimundo foi encontrá-la no loruba *jagun*, guerreiro, tendo a sílaba final *ço* resultado da contaminação de alguma palavra em *unço*⁵, explicação, digamos de passagem, que não fez adeptos. Paulo Terêncio, a propósito do vocabulário de *Os sertões*, onde a expressão aparece inúmeras vezes, seguiu caminho diferente, embora admitindo a procedência africana. Preferiu a etimologia sugerida pelo pesquisador Alfredo Rodrigues, incluída por Carlos Teschauer no *Nôvo Dicionário Nacional*⁶. *Jagunço* seria a adulteração da palavra portuguesa de origem africana, *zarguncho*, arma de guerra usada pelos cafres. O nome foi aplicado ao possuidor da arma⁷, comprovando Paulo Terêncio a presença de *zarguncho* em autores lusitanos como Camilo Castelo Branco e Antônio Diniz⁸. No Brasil, em trecho literário, *jagunço* surge no romance *O Matuto*, de Franklin Távora, editado em 1878: “Um jagunço enorme, que o desconhecido manejava tão facilmente como se fôra delicado espadim, prostrou dois deles por terra sem sentidos”⁹. Era uma arma. “Uma espécie de chuço”, ensina Luís da Câmara Cascudo, “haste de madeira

⁴ SAMPAIO, Teodoro. *O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina*. Bahia. Editôra Cruzeiro, 1938. p. 111.

⁵ RAIMUNDO, Jacques. *O Elemento Afro-negro na Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro. Renascença Editôra, 1933. p. 135.

⁶ TERÊNCIO, Paulo. *Estudos Euclidianos, notas para o vocabulário de Os Sertões*. Rio de Janeiro. Tipografia Benedito de Sousa, 1929. p. 120.

⁷ *Ibid.* p. 121.

⁸ *Ibid.* p. 122.

⁹ TÁVORA, Franklin. *O Matuto, Crônica pernambucana*, 9ª ed., Rio de Janeiro. Garnier, 1902. p. 301.

com ponto de ferro aguçado, arma de ataque e defesa, popular especialmente na Bahia e em Pernambuco”¹⁰.

Os elementos invocados documentam que *jagunço*, inicialmente arma e depois o homem que a usava, era empregado no nordeste, principalmente em Pernambuco e Bahia. Pereira da Costa foi buscar em Alfredo Carvalho (Frases e palavras) e no periódico *Lanterna Mágica* provas para ampliar a geografia da palavra, antes de sua divulgação por todo o território brasileiro. “A psicologia dessa gente”, comentou Alfredo de Carvalho, “malaventurada e maléfica, que nos sertões do norte do Brasil, do Piauí à Bahia, é diversamente designada pelos nomes de valentões, jagunços ou cangaceiros, ainda está por fazer”, enquanto registrava a *Lanterna Mágica* em 1897: “Há jagunços em toda parte, não é só na Bahia. A jagunçada entre nós já parece epidemia”¹¹.

O nome, porém, não ficaria somente nas duas acepções mencionadas. Bernardino José de Sousa, autor do *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil*, encontrou dois outros significados, que figuram na obra em apreço. Diz o autor: “os habitantes do litoral, por extensão assim apelidam os sertanejos do Nordeste, em especial os da Bahia. Particularmente, porém, o termo crismou o grupo rebelde de Canudos, povoação do nordeste da Bahia, à beira do Irapiranga ou Vaza-Barris, onde se homiziaram os fanáticos de Antonio Conselheiro”¹².

A última significação é a que está a merecer os devidos comentários. Realmente, no tempo da guerra de Canudos, os seguidores de Antonio Vicente Mendes Maciel, Antonio Conselheiro de alcunha e também cognominado Bom

¹⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro. Instituto Nacional do Livro, 1954. p. 321.

¹¹ COSTA, Pereira da. *Vocabulário pernambucano*, Rev. do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano, 1937. p. 402.

¹² SOUSA, Bernardino José de. *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil*. São Paulo. Editora Nacional, 1961. p. 178.

Jesus Conselheiro, ganharam a denominação de *jagunços*. Canudos era um arraial situado nos sertões baianos e Antonio Conselheiro uma figura messiânica que dominou, durante quase 25 anos, milhares de sertanejos, que lhe ouviam os conselhos e acompanhavam-no em longas peregrinações até a definitiva fixação no povoado referido, em 1893. Foi o chefe carismático mais importante do Brasil no século XIX, senão mesmo de toda a história nacional. Rezando, dando conselhos, praticando a caridade, construindo igrejas, levantando cemitérios, fazendo tanques para guardar água em regiões secas, o Bom Jesus Conselheiro conseguiu dominar uma grande parte das populações nordestinas, incluindo pobres e remediados, brancos, negros, índios, curibocas, mulatos, velhas rezadeiras e mulheres erradas, homens de enxadas e clavinoteiros destemidos, gentes de todas as idades e oriundas de distantes pontos dos sertões, uma imensa massa humana calculada em mais de 20 mil pessoas, que constituiu a jagunçada, o mundo dos jagunços de Antonio Conselheiro. Um povo dócil à pregação do seu Bom Jesus, disposto até ao sacrifício da própria vida na defesa do seu chefe indiscutível e indiscutido. Os jagunços, ditos igualmente conselheiristas, abandonaram suas terras de nascimento, seus bens, o pouco ou muito que possuíam e foram ficar ao lado do Conselheiro, em pleno sertão da Bahia, na antiga fazenda de Canudos, que eles batizaram de Belo Monte, onde não podiam viver os republicanos, os protestantes e os maçons, que eram elementos ligados ao Anticristo, ao Demônio. De simples peregrino, que rezava terços e ladainhas, um autêntico *beato* do interior do Brasil, Antonio Vicente passou a *conselheiro*, pregando a princípio o que considerava doutrina da Igreja, condenando judeus, protestantes, maçons, aconselhando e praticando o jejum, defendendo a liberdade dos escravos e lutando contra qualquer manifestação de luxo, chegando, finalmente, depois de 1889, quando se proclamou a República no Brasil, a tomar atitude nitidamente política, colocando-se em oposição ao regime instituído a 15 de novembro, no que foi cegamente obedecido pelos seus fiéis seguidores. Isolando-se num ponto distante, Antonio Conselheiro viu crescer em torno do seu santuário uma população fanatizada, que a Igreja Católica e o Governo Estadual não tiveram condições para controlar pelos meios

pacíficos, daí resultando o apelo às armas num conflito que durou meses (novembro de 1896 a outubro de 1897), no qual teve de intervir o próprio Exército brasileiro, que mandou ao teatro de guerra quatro expedições, soldados das três armas, alguns milhares de homens, inclusive oficiais generais, muitos e muitíssimos deles mortos nas caatingas de Canudos.

Deu-se no decorrer dessa luta fratricida, que determinou o completo extermínio dos defensores do Conselheiro, a divulgação do nome *jagunço*, diariamente aparecido no noticiário dos jornais, repetido a todo instante nas conversas cotidianas. A palavra ganhou extraordinária importância, passando a dar títulos a livros publicados após os acontecimentos históricos da década de 1890. O jornalista Manuel Benício, que fez para o Jornal do Comércio do Rio de Janeiro a cobertura jornalística da Campanha, escreveu um livro intitulado *O Rei dos Jagunços*¹³ e Afonso Arinos de Melo Franco, escritor sertanista, com o pseudônimo de Olívio de Barros, publicou uma novela denominada *Os Jagunços*¹⁴, versando os dois trabalhos sobre a sociedade na qual vivia Antonio Vicente Mendes Maciel. O ensaísta Euclides da Cunha, a quem devemos o maior depoimento sobre o caso Canudos, dedicou aos jagunços algumas páginas de sua obra prima, *Os Sertões*, sobretudo no capítulo “Gênesis dos jagunços”¹⁵. O estudo de Euclides da Cunha passou a ser a fonte básica para o conhecimento do tema, recorrendo-se invariavelmente ao notável ensaio toda vez que se deseja saber alguma coisa sobre os sertões, sobre os sertanejos, sobre os jagunços. Literariamente, sem dúvida alguma, associar jagunço e sertanejo é conceito difundido por Euclides da Cunha. Para o autor de *Os Sertões*, *jagunço* quer dizer *sertanejo*, o que fica bem claro nos juízos emitidos na “Gênesis dos jagunços”. Como tem sido o seu livro, desde a data da sua publicação, em 1902, até o momento atual, a fonte de que todos se aproveitam

¹³ BENÍCIO, Manuel. *O Rei dos Jagunços*. Rio de Janeiro. Tipografia do Jornal do Comércio, 1899.

¹⁴ BARROS, Olívio de. *Os Jagunços*. São Paulo. Editor Antonio da Rocha Ribeiro. 1898.

¹⁵ CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Rio de Janeiro. Laemmert Cia. Livreiros Editores, 1902.

para o estudo dos acompanhantes de Antonio Conselheiro, é natural a predominância do conceito formulado por Euclides da Cunha. Jagunço e sertanejo significam a mesma coisa. O próprio Euclides, porém, ao tempo da elaboração do trabalho consagrado, emprestou uma conotação política ao termo. É que a palavra ganhou, nos dias da guerra sertaneja, um sentido de feitiço político. Tornou-se sinônimo de monarquista, de restaurador. Como se houvesse admitido, ao calor das paixões políticas dominantes no País, que os sertanejos queriam a volta do regime monárquico destruído em 1889, acreditando-se, ingenuamente, haver uma articulação entre os elementos monarquistas das cidades e o homem que combatia nos longínquos sertões brasileiros, confundiam-se monarquistas e jagunços. Esta é a observação de Silvio Rabelo, valendo-se de versos retintamente republicanos de Artur de Azevêdo, um contemporâneo apaixonado dos eventos:

O jagunço não é tão sòmente
O matuto fanático e mau
Que nos ínvios sertões mata gente
Escondido por trás de um bom pau.

É jagunço o palúrdio parola
Que o progresso não quer da nação
E, sem ter convicções na cachola
Prega idéias de restauração¹⁶.

Sofrendo a pressão do seu tempo, Euclides da Cunha também refletiu as preocupações que lhe dominavam o espírito, vendo implicações políticas nos fatos de Canudos, tendo procurado fórmulas de politização do jagunço a quem batizou de “chouan”, combatendo numa Vandéia brasileira, onde o jagunço João Abade tomava o papel de Charrete e o negro Pajeú lembrava Chatelineau, tudo

¹⁶ RABELO, Silvio. *Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro. Coleção Estudos Brasileiros da C.E.B., 1948. p. 111.

e tudo a evidenciar influência livresca, porém, mostrando, por outro lado, a vinculação do jagunço a um esquema político nacional, embora sem consistência e efêmero.

Passada a refrega sangrenta de 1897, desvinculou-se a palavra do transitório significado que lhe impôs o momento histórico. Ninguém lembra mais jagunço como monarquista. Também não está mais generalizada a expressão como sinônimo de sertanejo, de matuto, de homem do sertão, embora o jagunço seja um sertanejo, um tipo especial de sertanejo. Wilson Lins, na área baiana do São Francisco, deu-nos uma informação atual da vivência do nome, que ele enfatiza ao caracterizá-lo. “Ser jagunço não é ser cangaceiro. Há uma profunda diferença entre o jagunço, sertanejo que possui sua arma de fogo, seu punhal de aço bem temperado e está sempre pronto a lutar por um amigo, sem lhe custar um centavo e o cangaceiro, indivíduo sem pouso, que vive do crime, assaltando os viajeros nas estradas. O jagunço é o homem que, sem abandonar o seu roçado, ou seu curral de bois de cria, participa de lutas armadas ao lado de amigos ricos ou pobres¹⁷”. Conceito regional, válido sobretudo na imensa área cultural do rio São Francisco, o jagunço de nossos dias é perfeitamente idêntico àquele que acompanhou o Bom Jesus Conselheiro. O tipo sertanejo descrito por Wilson Lins é a imagem fiel do homem dos sertões que viveu, lutou e morreu no lado de Antonio Conselheiro. Sua conduta, de um modo geral, não era a de uma profissional da desordem. A massa dos habitantes do Belo Monte para ali não se dirigiu visando a prática de delitos e sim um ambiente cristão de paz, de fartura, de compreensão entre os homens, conforme preconizava o Bom Jesus, nos constantes conselhos que ministrava aos seus humildes e abnegados acompanhantes. Foram os azares da guerra, portanto, que deram aos moradores de Canudos a belicosidade de que se revestiram naqueles momentos cruciais da vida sertaneja, que o foram também de toda a sociedade brasileira contemporânea, envolvida nas malhas da maior incompreensão coletiva da história nacional.

¹⁷ LINS, Wilson. *O Médio São Francisco*. Bahia. Edições Oxumaré. 1952 . p. 135.

Os jagunços de Canudos, os jagunços do Conselheiro, tão insultados e incompreendidos nos terríveis dias da guerra dos sertões, apontados como assaltantes, depredadores, criminosos da pior espécie, a ralé interiorana, estão conquistando, na moderna crítica histórica do nosso País, seu verdadeiro lugar no processo da formação nacional. O sertão do Conselheiro, terrivelmente sofrido, vivendo periodicamente a tragédia de longos e angustiantes estios, era como se não existisse para a civilização implantada no litoral. O outro Brasil, portanto, teria, que ser julgado como criminoso, fora da lei, perturbador. E o homem que nele enfrentava, de modo corajoso, uma série de males, haveria de ser, desconhecido que era, um jagunço, isto é, um valentão, um assalariado do crime. Para tal fim, sabemos hoje com segurança, jamais o convocou Antonio Conselheiro, que só pregava para o bem, segundo apurou o jornalista Odorico Tavares entre os sobreviventes, 50 anos depois da maior de todas as tragédias do sertão. “Entre os sobreviventes de Canudos”, observou Odorico Tavares, “pode haver maior ou menor reserva sobre Antonio Conselheiro; mas depois de cinquenta anos, não há uma opinião em contrário: O Bom Jesus foi um santo homem que somente aconselhava para o bem”¹⁸.

Houve, indiscutivelmente, no seio da jagunçada do Belo Monte, a ação de certos sujeitos do clavinote, de homens do cangaço, de maior ou menor atuação nos fatos ocorridos às margens do Vaza-Barris. Não constituíam tais elementos, porém, o povo do Conselheiro. Talvez pudessem ser incluídos na relação de bacamarte, isto é, no grupo de famanazes da desordem, um Pajeú, um José Venâncio, um João Abade, apontados como autores de crimes de morte, em circunstâncias, aliás, inteiramente desconhecidas. No tempo da guerra, a exaltada imprensa republicana, baseada em simples boatos incontroláveis, atribuiu aos nomes acima referidos a prática de homicídios. Eles integravam a chamada *guarda-católica* ou *santa companhia*, instituição mantida pelos recursos da própria comunidade, para a defesa do Conselheiro e sua cidadela.

¹⁸ TAVARES, Odorico. *Imagens da Terra e do Povo*. Rio de Janeiro. José Olímpio. 1951. p. 263.

Ao lado, todavia, de meia dúzia de indigitados criminosos, estavam milhares de sertanejos pacatos, que cultivavam a terra, tinham suas criações, incapazes de cometerem o menor deslize, muitos deles homens de posse, guardando, ciosamente, ao lado de suas imagens, os títulos de escrituras de compras de casas e terras, numa prova insofismável do conservadorismo que representavam¹⁹. Erram, portanto, todos aqueles que viram no movimento sertanejo de Canudos uma agitação de desordeiros e identificaram no conselheirista a figura do jagunço turbulento, do capanga valentão e agressivo. O jagunço de Canudos foi um brasileiro esquecido, desamparado, injustiçado, que encontrou amparo espiritual e, muitas vezes, ajuda material no singular peregrino que dizia ir aonde o chamassem os desventurados, que eram milhares nos sertões brasileiros da segunda metade do século passado.

¹⁹ PIEDADE, Lelis. *Relatório*. Bahia. 1898. p. 11.